

A Interação do Homem Pantaneiro com Seu Cavalo





*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

*ISSN 1981-7223
Dezembro, 2009*

Documentos 104

A interação do homem pantaneiro com seu cavalo

Raquel Soares Juliano
Sandra Aparecida Santos
Urbano Gomes Pinto de Abreu
Roberto Aguilar Machado Santos Silva
Marcos Tadeu Borges Daniel Araújo

Corumbá, MS
2009

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Pantanal

Rua 21 de Setembro, 1880, CEP 79320-900, Corumbá, MS

Caixa Postal 109

Fone: (67) 3234-5800

Fax: (67) 3234-5815

Home page: www.cpap.embrapa.br

Email: sac@cpap.embrapa.br

Comitê de Publicações:

Presidente: *Thierry Ribeiro Tomich*

Secretário-Executivo: *Suzana Maria de Salis*

Membros: *Débora Fernandes Calheiros*

Marçal Henrique Amici Jorge

Jorge Antonio Ferreira de Lara

Secretária: *Regina Célia Rachel*

Supervisor editorial: *Suzana Maria de Salis*

Normalização bibliográfica: *Viviane de Oliveira Solano*

Editoração eletrônica: *Regina Célia Rachel*

Disponibilização na home page: *Luiz Edevaldo Macena de Britto*

Foto da capa: *Embrapa Pantanal*

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

Embrapa Pantanal

A interação do homem pantaneiro com seu cavalo [recurso eletrônico] / Raquel Soares Juliano... [et al.]. – Dados eletrônicos -. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2009.

16p. (Documentos / Embrapa Pantanal, ISSN 1981-7223; 104)

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: <<http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/DOC104.pdf>>

Título da página da Web (acesso em 30 de mar 2009)

1. Pantaneiro-Cavalo I. Juliano, Raquel Soares. II. Santos, Sandra Aparecida. III. Abreu, Urbano Gomes Pinto de. IV Silva, Roberto Aguilar Machado Santos Silva V. Araújo, Marcos Tadeu Borges Daniel VI. Embrapa Pantanal VII. Série.

CDD 636.1098172

(21.ed.)

© Embrapa 2009

Autores

Raquel Soares Juliano

Pesquisadora da Embrapa Pantanal
Rua 21 de Setembro, 1880, Caixa Postal 109
79320-900, Corumbá, MS
Telefone (67) 3234-5800
e-mail: raquel@cpap.embrapa.br

Sandra Aparecida Santos

Pesquisadora da Embrapa Pantanal
Rua 21 de Setembro, 1880, Caixa Postal 109
79320-900, Corumbá, MS
Telefone (67) 3234-5800
e-mail: sasantos@cpap.embrapa.br

Urbano Gomes Pinto de Abreu

Pesquisador da Embrapa Pantanal
Rua 21 de setembro, 1880, Caixa Postal 109
79320-900, Corumbá, MS
Telefone (67) 3234-5800
e-mail: urbano@cpap.embrapa.br

Roberto Aguilar Machado Santos Silva

Pesquisador da Embrapa Pantanal
Rua 21 de setembro, 1880, Caixa Postal 109
79320-900, Corumbá, MS
Telefone (67) 3234-5800
e-mail: rsilva@cpap.embrapa.br

Marcos Tadeu Borges Daniel Araújo

Assistente da Embrapa Pantanal
Rua 21 de setembro, 1880, Caixa Postal 109
79320-900, Corumbá, MS
Telefone (67) 3234-5800
e-mail: marcost@cpap.embrapa.br

Apresentação

A importância do cavalo Pantaneiro para o homem, que vive no campo, criando e trabalhando o gado, é evidente e trata de uma interface do cotidiano pantaneiro ainda pouco estudada, sob a ótica específica da ciência.

O texto traz informações da literatura e de entrevistas realizadas com peões, adestradores e proprietários de cavalos criados em sistema semi-extensivo no Pantanal.

José Aníbal Comastri Filho
Chefe-Geral da Embrapa Pantanal

Sumário

A interação do Homem Pantaneiro com Seu Cavalo	7
Introdução	7
Breve Revisão Histórica.....	8
A Interação do Cavalo com o Homem Pantaneiro	10
Considerações Finais.....	14
Referências	15

A interação do Homem Pantaneiro com Seu Cavalo

*Raquel Soares Juliano
Sandra Aparecida Santos
Urbano Gomes Pinto de Abreu
Roberto Aguilar M. S. Silva
Marcos Tadeu B. D. Araújo*

Introdução

O homem, o cavalo, o boi, a canoa e o Pantanal, essa narrativa não poderia desprezar os elos que unem esses personagens. Dentre eles, o cavalo tem um papel fundamental na vida do homem pantaneiro, na sua rotina, no seu trabalho e na sua personalidade. O homem pantaneiro é representado pelo fazendeiro (patrão), o vaqueiro (peão), além das suas famílias e agregados que convivem nesse ambiente.

O contato permanente dos peões com o Pantanal faz deles grandes conhecedores do ambiente em que vivem. Os peões possuem relações muito próximas com os animais, sendo capazes de prever seu comportamento numa vaquejada, identificam os animais pela cor, pelo temperamento e mantêm com eles um diálogo permanente, através de sons, gestos e palavras. Porém, os vaqueiros afirmam sua força, masculinidade e coragem através do domínio sobre os animais, como na caça, no laço ou pela doma, existe um relacionamento rude entre eles. Os animais servem para evidenciar e regular atributos humanos, ou seja, por intermédio dos animais, os homens conseguem mobilizar seu "status" através da hierarquia de prestígio social (BANDUCCI Jr., 1995).

Em julho de 2007, durante o julgamento do cavalo Pantaneiro (Figura 1), em Cuiabá-MT, foi aplicado um questionário, abordando aspectos da interação do homem com o cavalo Pantaneiro. Por tratar-se de um estudo piloto para verificar a aceitação do método, foram realizadas entrevistas com questionário semi-estruturado, indagando sobre o contato com o animal, a utilização do seu trabalho no campo, a percepção da linguagem comportamental do animal, as formas de comunicação interespecie e o grau de satisfação com a raça. Sete entrevistados foram avaliados, três eram criadores da raça e dois deles também realizavam atividades de treinamento e trabalho com os animais assim como os demais.



Figura 1. Julgamento do Cavalo Pantaneiro na 43ª Expoagro em Cuiabá, julho de 2007. Fonte: <http://www.abccp.com.br>

Há poucos relatos sobre a relação e interação entre homem e cavalo no Pantanal. Mesmo não caracterizando um estudo completo sobre o assunto, objetivou-se por meio desse trabalho, resgatar informações da literatura e também a representação do cavalo na percepção dos pantaneiros em conversas livres sobre o tema e entrevistas durante os trabalhos de pesquisa da Embrapa Pantanal. Os pareceres, relatados pelos entrevistados, foram de grande valor para conhecer mais sobre esse assunto, iniciando o caminho para futuros trabalhos.

Breve Revisão Histórica

Os ancestrais do cavalo surgiram na América do Norte, na era Cenozóica, há 55 milhões de anos no período Eoceno (Figura 2), foram denominados *Eohippus* e eram animais que apresentavam quatro dígitos e mediam não mais que 35cm de altura. No período Pleistoceno (2,5 milhões de anos) seus descendentes já haviam atingido a Ásia e a Europa pela passagem pelo Estreito de Behring e com a evolução da espécie esses animais, que passaram a apoiar-se somente em um dígito, constituíram o gênero *Equus*. Apesar de extinto na América, há pelo menos 11.000 anos, foi o responsável pela origem e disseminação dos eqüídeos pela Ásia, Europa e África, onde várias espécies de cavalos selvagens desapareceram, restando apenas o *Equus ferus ferus*, extinto no século XIX e o *Equus ferus przewalskii* e que são os ancestrais mais próximos do cavalo doméstico, o *Equus caballus*. (BOKONYI, 1987; GROVES; RYDER, 2000b).

Os cavalos foram caçados por serem considerados alimento, mas iniciado o processo de domesticação em 6000 aC, eles passaram a ser utilizados como meio de transporte e ferramenta na agricultura. Por volta de 3500 a 3000 aC chegaram ao oriente médio, em 2000 aC foram levados ao Egito e à Grécia, sendo utilizados inclusive como importante instrumento de guerra, proporcionando-lhes um “status” de indivíduo e não mais de um animal de rebanho. A confiança mútua e a afinidade entre o homem e o cavalo são responsáveis pelo aparecimento de histórias, lendas e mitos. Nenhum outro animal doméstico foi tão importante quanto o cavalo e essa amizade proporciona ao ser humano equilíbrio e saúde, física e mental (BOKONYI, 1987; GROVES; RYDER, 2000a).

A introdução dos eqüinos nas Américas ocorreu muito tempo depois, quando Cristóvão Colombo trouxe os primeiros animais para o Novo Mundo em sua segunda expedição, em 1493, e desembarcou na primeira cidade da América, a atual Santo Domingo. A partir daí esses animais acompanharam as conquistas dos colonizadores e foram disseminados em Cuba, Porto Rico, Panamá, Jamaica e México. Os colonizadores e seus cavalos ibéricos conquistaram o Novo Mundo. A conquista do Chile e do Peru foi feita com animais crioulos de Santo Domingo (PRIMO, 2004).

Posteriormente, em 1536, durante a conquista do Rio da Prata, Pedro de Mendoza fundou Buenos Aires, trazendo consigo 72 cavalos e mais de mil homens. O confronto com os ameríndios locais foi inevitável e a cavalaria espanhola travou uma dura batalha com os nativos. O povoado foi cercado e atacado pelos índios; tamanha foi a miséria estabelecida que, diante da fome, a população praticou o canibalismo e devorou cães e gatos. Porém, os cavalos foram salvos, pois eram necessários para a guerra, apesar de Buenos Aires ter sucumbido em 1541. Outros autores afirmam que os cavalos abandonados na derrota de Buenos Aires procriaram nos pampas argentinos formando grandes manadas que chegaram ao Brasil, um século depois, pelas mãos de índios Guaicurus e dos jesuítas. (PRIMO, 2004).

Alguns historiadores citam que quando Alvar Nuñez Cabeza de Vaca foi nomeado o segundo governador do Rio da Prata, ele deixou a Espanha, em 1540 e desembarcou na ilha de Santa Catarina trazendo 26 cavalos. A expedição seguiu por terra rumo ao Paraguai e alguns cavalos foram perdidos em terras do Sul do Brasil e na capitania de Mato Grosso. Com o objetivo de chegar ao Peru, os desbravadores seguiram pelo Rio Paraguai e atravessaram pelo “Pântano de Xarayés” (atual região do Pantanal). Aproximadamente em 1543, os primeiros índios da região avistaram pela primeira vez esse animal. Outras expedições espanholas trouxeram animais para a região, até a introdução de eqüinos de origem portuguesa, trazidos de São Paulo a Cuiabá, pelos caminhos de Goiás, no início do século XVIII (SANTOS et al., 1992).

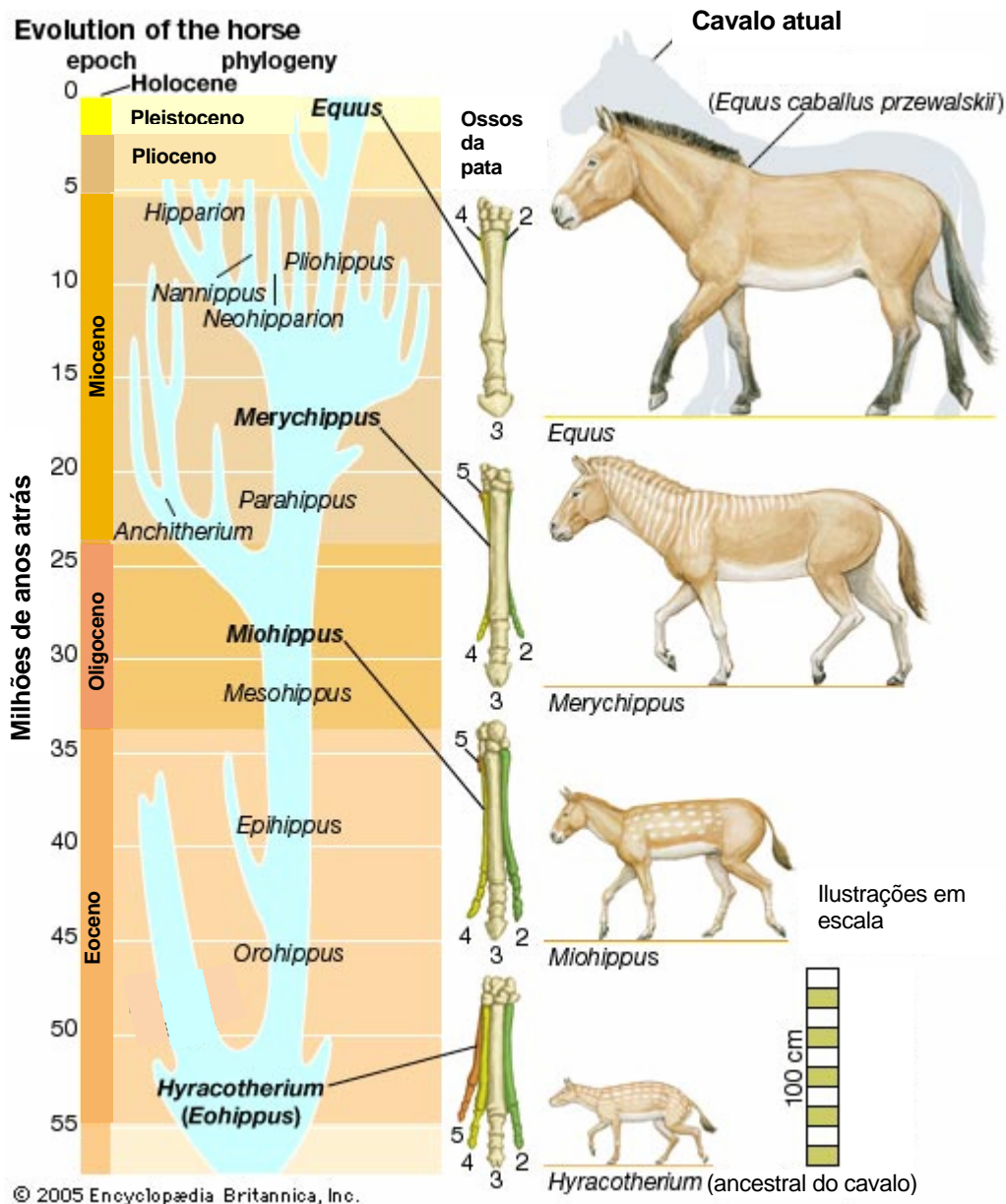


Figura 2. Evolução do cavalo desde o surgimento do seu ancestral, *Eohippus*, há 55 milhões de anos até o exemplar de cavalo doméstico, no período Holoceno da era Cenozóica. Fonte: traduzido de <http://media-2.web.britannica.com/eb-media/03/5503-004-DEA45BCE.jpg>.

A Interação do Caval

“O homem havia sido posto ali nos inícios para campear e hortar. Porém só pensava em lombo de cavalo. De forma que só campeava e não hortava.”

(BARROS, 1985, p.37)

Pode-se considerar que no início dos tempos de colonização da planície pantaneira, os índios eram os donos dessas terras, habituados com a dificuldade de sobreviver em ambiente tão exuberante e hostil. Vinha (2004) descreveu que é interessante verificar que outras tribos locais somente faziam uso do cavalo para pequenos trabalhos e como comida enquanto que os Mbayás-Guaicurus souberam identificar nesse animal um instrumento de poder, riqueza e entretenimento. A inserção do eqüino nessa região foi particularmente importante para os Mbayás-Guaicurus, nação indígena conhecida pela habilidade de guerrear, saquear brancos e índios, utilizando os cativos como escravos e considerados excelentes comerciantes. O cavalo promoveu mudanças culturais, e aumentou o poder dessa etnia diante dos demais grupos na condição de pedestres, fortalecendo a índole guerreira. Os Mbayás-Guaicurus aprimoraram suas estratégias de guerra e expandiram seus domínios. A interação com esse animal proporcionou a melhora de sua habilidade comercial, capacidade para caçar e conquistar novas terras e também está relacionada ao poder e ao prestígio social. Os cavalos estavam inseridos em atividades festivas, com a participação de mulheres, encenações sobre as guerras e conquistas, além de uma série de jogos para demonstração de força e destreza dos homens e dos animais. Estas manifestações culturais podem ser vistas ainda hoje, apesar da perda de identidade desse povo.

Os ataques dos índios cavaleiros eram feitos em campo aberto. Montando sem sela, agarrando-se à crina do cavalo, o corpo inclinado para o lado (Figura 3) a fim de não constituir alvo fácil, eles avançavam em formação cerrada, munidos de boleadora e lança sobre os seus inimigos.



Figura 3. Carga de cavalaria Guaicuru, de Jean-Baptiste Debret, forma de montaria utilizada em campos de guerra. Fonte: <http://www.unicamp.br/unicamp>

Herberts, (1998) cita que os Mbayá-Guaicurus eram enterrados com suas armas, adornos de prata e também cavalos. Sobre as sepulturas colocavam esteiras, cântaros, utensílios domésticos, fusos, cuias e alimentos, que eram renovados, pois eles acreditavam na vida após a morte. A importância do cavalo da sociedade européia foi assimilada pelos índios e explicaria o fato de terem adotado essa tradição de sepultá-los junto aos guerreiros.

Com o tempo e a convivência desses índios com outras etnias, houve o enfraquecimento de suas tradições. WEBER (2007) discorre sobre a relação desses indígenas com os brancos nas diferentes situações históricas desde o período colonial, havendo uma fusão, troca ou mistura de elementos culturais entre os índios e os europeus, mas os índios souberam se reorganizar política e socialmente quando antropólogos anunciavam sua extinção.

A ocupação do Pantanal, a partir do século XVIII, foi feita por bandeirantes paulistas que não podiam mais viver da exploração do ouro e que apesar da derrota, mantinham o orgulho da tradição e pompa de outros tempos. Assim, esse povo ocupou-se de trabalhar as grandes extensões de terra ao longo do Rio Cuiabá, plantando pequenas roças e criando o gado à larga. Em meados do século XIX, já havia na planície pantaneira milhares de reses e o comércio do charque intensificou-se após a Guerra do Paraguai. Mas os bandeirantes não sabiam lidar com o gado e aos poucos, na construção dessa sociedade, foram agregados imigrantes paraguaios, correntinos e gaúchos, que interferiram nos costumes e na cultura. De toda essa miscigenação veio o amor ao cavalo, animal fundamental ao trabalho no campo. Por tudo isso, o vaqueiro pantaneiro pode ser caracterizado como extrovertido, alegre, festivo, ruidoso e com a estética da amplidão porque aprecia tudo de que se tem uma visão ampla e aberta. O cavalo e o laço unem o trabalho e o lazer, é o prestígio profissional e o instrumento da sua liberdade. O homem pantaneiro não pode ser resumido em uma única descrição, pois assim como o Pantanal, ele é diferente em decorrência das relações políticas, sociais, de trabalho e culturais existentes em cada uma das regiões da vasta planície. A materialização dessa descrição feita pelo mesmo autor se faz nos dias de trabalho de gado, as brincadeiras no mangueiro que fazem o tempo passar ligeiro, nos bastidores de feiras agropecuárias e nas rodas de tereré. Sempre em situações em que esses personagens estão à vontade, mesmo na presença de "doutores", manifestam tudo com muita sinceridade (BARROS, 1998; 2003).

Relação semelhante foi observada por Nogueira (2002) que constatou que o cavalo dá segurança aos peões e estes se sentem capazes de enfrentar as situações adversas do lugar em que vivem.

Durante a aplicação das perguntas aos entrevistados, percebeu-se que o contato com o animal inicia-se muito cedo. Ainda quando crianças eles foram colocados pelos pais no lombo de um cavalo, sempre os mais mansos da tropa. A maioria não relatou medo ou incidentes perigosos nesse primeiro contato, o que pode ter facilitado a relação de confiança e a interação positiva em futuras experiências entre o homem e o animal.

Em resposta ao questionário, os entrevistados relataram histórias de situações nas quais o cavalo demonstrava um desempenho excepcional, orgulhando o cavaleiro, situações de perigo em que caíam do animal, mas o mesmo voltava para socorrê-los e em dois casos houve a manifestação de um grande querer bem ao animal, tratando-o como uma pessoa, salvando sua vida. Em sua tese sobre os "causos pantaneiros", Câmara (2007) discorre sobre vários elementos que são temas dessas narrativas, nas quais o cavalo estava sempre presente, pois é um personagem do cotidiano do homem pantaneiro, que na maioria das vezes não está a pé. Nos "causos de risco pessoal", analisados na tese, a queda do cavalo seguida da sobrevivência do cavaleiro é uma redundância. O autor interpretou isso como sendo um modo do homem pantaneiro mostrar sua força e seu valor, de como ele relaciona-se com o medo e os perigos do cotidiano e como sobrevive heroicamente.

O isolamento de viver nas fazendas, o contato com elementos da natureza e a curiosidade do homem pantaneiro fez com que se tornasse um observador nato. Assim, fica mais fácil entender como homens, às vezes tão rústicos, são capazes de perceber sinais tão tênues no comportamento do cavalo. Essa peculiaridade foi discutida por Farmer-Soregan e Dougan (1999) que traçaram um paralelo entre a sabedoria popular e os estudos comportamentais sobre eqüinos. Os autores citaram o caso de Monty Roberts, um cavaleiro americano que, apesar do pouco estudo, criou um método para domar cavalos, baseado em observações de tropas de cavalos selvagens, quando tinha 13 anos de idade e recebeu vários títulos honorários de doutoramento pelo seu trabalho. Apesar de ser empírica e não seguir os conceitos da metodologia científica, a sabedoria popular deveria ser mais profundamente investigada pela comunidade acadêmica, utilizando ferramentas apropriadas à pesquisa (FARMER-SOUGAN;

DOUGAN, 1999). Em muitas culturas, aqueles que trabalham com cavalos desenvolvem uma ligação e afinidade com o animal, baseada no respeito mútuo e na convivência diária. Isto é capaz de interferir inclusive na capacidade de interpretar seus sinais e prever seu comportamento. (VAN DIERENDONCK; GOODWIN, 2005)

A principal forma de comunicação do homem para com o cavalo, relatada pelos entrevistados, foi a corporal e a fala, mas o olfato e a utilização de instrumentos também foram mencionados. Brandt (2004) citou que o cavalo possui uma linguagem corporal capaz de estabelecer uma interação simbólica com humanos. Os humanos, muitas vezes, não conseguem transmitir suas intenções ao animal através da fala e nessas situações, utilizam o corpo. Por isso, o corpo tornou-se a base do sistema de comunicação entre essas espécies.

De acordo com Smythe (1990 citado por FERRARI, 2003) os cavalos possuem bom padrão de comunicação através de emissão de sons característicos e significativos, além da linguagem corporal. Seus órgãos do sentido são muito eficientes e isso favorece o contato com o homem. O olfato é muito desenvolvido e permite a identificação dos alimentos, dos animais do mesmo grupo, odores carregados pelo vento e contribui na relação materno-filial. Os cavalos expressam suas emoções expandindo e contraindo suas narinas, o que pode significar interesse, suspeita ou medo, as orelhas dirigidas para trás sobre o pescoço podem indicar irritação ou atenção, durante uma corrida dura; a cauda expressa emoção quando o cavalo está mais ou menos tranquilo, um cavalo bom e ativo geralmente carrega sua cauda elevada e levemente arqueada; seus olhos são bastante expressivos, capazes de informar sobre seu humor.

A convivência com o animal fez com que criadores, vaqueiros e adestradores aprendessem a traduzir os sinais comportamentais e físicos com facilidade. Segundo essas pessoas, o trocar de orelhas e as orelhas deitadas são sinais de medo ou desagrado, as mordidas e coices são de raiva, os pinotes de alegria e o pescoço baixo, o vazio fundo evidenciam o animal entregue pelo cansaço. Esse mesmo processo foi citado por mulheres que trabalhavam com cavalos de salto no Oeste dos Estados Unidos, reforçando que a definição da linguagem corporal entre o homem e o cavalo ocorre lentamente e ambos participam ativamente do processo de observação e leitura dos sinais. Os cavalos utilizam várias partes do corpo para expressar seus desejos e sentimentos e as orelhas se movimentam em diferentes posições podendo sinalizar situações de relaxamento, curiosidade, medo, atenção e raiva. O homem utiliza as pernas, seu peso e o ritmo para estabelecer um "diálogo" durante a montaria (BRANDT, 2004). Por isso é tido como uma extensão do corpo do vaqueiro e um retrato das suas habilidades. E explica porque o animal é indispensável na trama amorosa, pois, atendendo aos comandos do dono utiliza-se da linguagem corporal se exibindo para uma moça: "sapateia com a cabeça erguida e a cauda em pé, andando de lado com passos miúdos" (BARROS, 1998).

Quando questionados, foi possível perceber que o conceito de bem-estar para o homem pantaneiro não é claro: o bem-estar-animal está relacionado ao manejo nutricional e de trabalho adequado, somente para os cavalos de pista há referências de instalações e cuidados específicos, geralmente quando começam a prepará-los para eventos e exposições. Geralmente os cavalos trabalham 6-8 horas por dia, em dias alternados e as tropas são revezadas a cada 15 ou 20 dias. Fato semelhante foi descrito em um projeto piloto, realizado em Cuiabá-MT, sobre a interação homem-animal entre proprietários e cavalos carroceiros. Fernandes et al. (2007) relataram que os animais trabalhavam diariamente durante no mínimo cinco horas e que os proprietários não executam manejo adequado dos animais, apesar de relatarem que os mesmos são fundamentais para o seu trabalho e terem grande afeto pelos animais. Muitos não souberam responder o que seria guarda responsável e de forma geral, eles entendiam que bem-estar é sinônimo de "bons tratos".

O Conselho de Bem-Estar de Animais de Produção (FAWC) acredita que o bem-estar de um animal deveria ser avaliado com base nas "cinco liberdades": livre de fome e sede, livre de desconforto, livre de dor, lesões e doenças, livre para expressar comportamento normal e livre de medo e estresse (FAWC, 1992). Entretanto, as liberdades fornecem uma indicação sobre o que deve ser avaliado e disponibilizado aos animais para que tenham um determinado nível de bem-estar, sem necessariamente definir um padrão mínimo, já que é extremamente difícil disponibilizar todas as liberdades o tempo todo.

As informações sobre bem-estar de equinos de trabalho são escassas e geralmente relatam sobre animais submetidos a condições de estresse e calor, pois há dificuldades em estabelecer parâmetros de bem-estar. As pesquisas nessa área apontam para a necessidade de investigar, juntamente com as pessoas que estão em contato com os animais, qual a jornada de trabalho que deve ser recomendada e

quais as alternativas para reduzir problemas comuns em relação a doenças e nutrição desses animais (AMBLER, 2007). Essa iniciativa vem sendo realizada pela Embrapa Pantanal, em pesquisas que abordam a adaptabilidade e resistência do cavalo Pantaneiro às condições de calor e exercício físico, além dos trabalhos sobre a prevenção e controle de doenças infecciosas comuns na região do Pantanal (SILVA et al., 2004; 2005a, b; SANTOS et al., 2007a). Espera-se dessa forma estabelecer critérios que auxiliem na elaboração de um manejo adequado dos eqüinos de trabalho nesse ambiente específico.

A domesticação dos cavalos criou uma série de situações nas quais o bem-estar dos animais foi reduzido e os transtornos comportamentais, as injúrias físicas e o aparecimento de estereótipos ficaram cada vez mais freqüentes. Cuidados com a nutrição, sanidade, instalações, equipamentos, trabalho e transporte, são fundamentais para um manejo adequado dos animais, minimizando os fatores que interferem no seu bem-estar. As pessoas envolvidas diretamente com os animais devem estar tecnicamente preparadas para identificar e sanar as condições desfavoráveis (HAUSBERGE et al., 2008).

Quando questionados sobre qual o método de doma utilizado 57% dos entrevistados relataram que utilizavam a doma tradicional em associação com a doma racional e 43% somente doma racional. Em um estudo realizado em 1991, a doma tradicional e racional, caracterizada como intermediária, com adaptações das duas técnicas, ocorria em 60% dos criatórios. Entretanto somente 10% utilizavam a doma racional (SANTOS et al., 2004).

Na doma tradicional pantaneira utiliza-se a força e o medo como método de subjugação do animal: coloca-se o cabresto em animais com cerca de 2,5 a três anos de idade e amarra num palanque. Em seguida, os cavalos são montados. Muitos pulam, resistem e machucam-se, outros andam. Esta montaria é feita durante cerca de uma semana, então os cavalos são tosados e amarra-se uma tora que o obriga manter a cabeça baixa. A partir do momento que os animais obedecem aos comandos, realiza-se a sangria (cerca de 1 litro) e eles são soltos. Neste momento ele é considerado "galopeado". Após seis meses, torna-se a montar os animais e dá-se o início do trabalho de lida com o gado, durante 12 a 15 dias, sem colocar freio, (somente corda). Após este período faz-se uma nova sangria e solta dos animais por mais seis meses, para finalmente, colocar-se o freio nos animais para trabalhar o gado (SANTOS et al., 2005).

A doma tradicional é uma técnica bastante utilizada em criatórios no Oeste dos Estados Unidos, onde é tido como método violento, laborioso e pouco eficaz, tendo em vista os danos físicos e comportamentais que podem causar ao animal. Uma das explicações para essa relutância em aceitar métodos menos agressivos, como, por exemplo, o "join-up", proposto por Monty Roberts, é que a doma tradicional está culturalmente associada à força, bravura e coragem do vaqueiro e à capacidade do homem de dominar outras espécies como sinal de superioridade (FARMER-SOUGAN; DOUGAN, 1999).

A doma intermediária inicia-se aos dois anos de idade. Nesta idade, faz-se o primeiro galope e a partir de então os animais são montados todos os dias por cerca de 15 minutos, durante uma semana. Após a montaria, os animais recebem água e são presos a uma madeira pesada que não consegue arrastar. Posteriormente são soltos e voltam a serem adestrados após um ano, nessa fase são chamados "redomão" e andam a toque do lado da cerca. Após seis meses, eles são considerados "redomão corrente" e já iniciam o trabalho de gado (SANTOS et al., 2005).

Na descrição dos entrevistados, as fazendas que adotam a doma racional, os potros recebem alguns cuidados, a partir da desmama (5-6 meses), tais como a escovação e a tosa da crina, para acostumar com o contato humano. Landsade et al. (2004) citaram que esse é um período bastante favorável para iniciar o manuseio dos potros, utilizando metodologia apropriada, com menor nível de exposição ao estresse e alguns efeitos de aprendizagem podem persistir por até 18 meses. A doma inicia-se aos 2,5 a 3 anos de idade, até que o cavalo aceite ser montado. Não há dúvida que a doma racional atende melhor aos propósitos de bem-estar animal, pois o método busca uma interação harmoniosa entre cavalo e cavaleiro, onde a obediência está baseada em conquistar a confiança do animal.

Cada vaqueiro tem seus cavalos para uso, que em geral foram escolhidos num lote de cavalos xucros para serem domados por ele e assim começa a história da primeira interação entre o animal e o homem. Seguindo os "ritos da doma", o peão deixa o animal do "seu jeito" e cria um código pessoal de comandos que o animal entende. "A habilidade da doma é uma arte" (BARROS, 1998).

Na interação com o peão que o amansa, o cavalo pode não compreender ou recusar-se a fazer o que lhe é ordenado e recebem diferentes denominações dependendo do tipo de problema adquirido com a doma (“bardoso”, “queixudo”, “mesquinho”). A “mansação desses animais é tão importante que quando um cavalo não se deixa domesticar seu futuro é expresso pelo rótulo que lhe é aplicado, “sem destino” (CAMPOS FILHO, 2002).

O cavalo Pantaneiro pode ser visto como um instrumento de trabalho e um amigo, mas também pode ser um bom negócio, um “hobby” ou um sinal de “status”. Porém, há unanimidade em dizer que mesmo que ele não tivesse qualquer valor econômico ele seria criado, pois tem como diferencial a resistência, rusticidade e versatilidade, que são fundamentais para o trabalho no Pantanal, características que nenhuma outra raça apresentou até o momento. O sentimento do proprietário em relação ao cavalo foi discutido por diferentes autores e pode estar relacionado com o tipo de atividade desenvolvida pelo conjunto homem-animal. Muitos criadores consideram que a importância do cavalo é mais emocional do que econômica (ENDENBURG, 1999). Aqueles que desenvolvem atividades esportivas ou participam de competições, preocupam-se com o desempenho do animal, mas também associam esta atividade a uma posição social diferenciada (ROBINSON, 1999). Entretanto, pouco se sabe sobre esse aspecto em relação aos animais de trabalho, o cavalo Pantaneiro, por ser utilizado em diferentes atividades e ser indispensável ao homem do campo, pode suscitar diferentes opiniões sobre o sentimento envolvido nessa interação homem-animal.

Esse animal já foi considerado um “pangaré sem valor”, sobreviveu à introdução de outras raças e quase sucumbiu às epidemias que chegaram ao Pantanal. O sucesso da parceria entre criadores entusiastas e instituições de ensino e pesquisa que trabalham em prol da conservação e expansão da raça, fica evidente quando vemos esses animais estampados na capa das revistas, atingindo preços gratificantes em leilões, recebendo prêmios pela sua performance e aparecendo como astro de televisão.

Considerações Finais

Apesar da vasta literatura a respeito das diferentes faces da interação entre o ser humano e o cavalo, fica clara a complexidade do assunto, por envolver aspectos culturais, sociais e históricos, que ultrapassam as questões do comportamento humano ou animal. Por isso, o trabalho multidisciplinar faz-se necessário e a participação de tratadores, treinadores, peões, criadores, pesquisadores e demais profissionais da área, só deve acrescentar no avanço do conhecimento.

Neste texto, foi mostrado que a interação do homem pantaneiro e do seu cavalo tem peculiaridades relacionadas à vivência histórico-cultural e ao trabalho diário, em condições muito particulares, impostas pelo ambiente do Pantanal. Daí a importância de aprendermos mais sobre essa relação.

Agradecimentos

A todos que generosamente compartilharam seu tempo e sabedoria com os pesquisadores, mesmo sabendo que estudos desta natureza não são conclusivos, pois as interações do homem com os animais e a natureza evoluem e mudam com o tempo.

Referências

- AMBLER, V. **The welfare of working horses in developing countries**. Disponível em: <http://vip.vetsci.usyd.edu.au/contentUpload/content_2873/VerityAmbler.pdf>. Acesso em 12 jan. 2009.
- BANDUCCI JÚNIOR, A. **Sociedade e natureza no pensamento pantaneiro: representação de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado na "Nhecolândia"** (Corumbá-MS). São Paulo, 1995. 200f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- BARROS, A. L. **Gente Pantaneira, crônicas da sua história**. Rio de Janeiro, Lacerda Editora, 1998, 251p.
- BARROS, A. L. O jeito pantaneiro de ser e viver. In: ALCÂNTARA, A. **Pantanal**. 2ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2003, p.90-107.
- BARROS, M. **Livro das pré-Coisas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985. p.37.
- BOKONYI, S. History of horse domestication. **Animal Genetic Resources Information**, Rome, n.6, p. 29-33, 1987.
- BRANDT, K. A language of their own: an interactionist approach to human-horse communication. **Society & Animals**, v.12, n.4, p.299-316, 2004.
- CÂMARA, R.P. **Os causos: uma poética pantaneira**. 2007. 577f. Tese (Doutorado) em Humanidades. Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2007.
- CAMPOS FILHO, L. V. S. **Tradição e ruptura: cultura e ambiente pantaneiros**. Cuiabá: Ed. Entrelinhas. 2002. 184p.
- ENDENBURG, N. Perceptions and attitudes towards horses in European societies. **Equine Veterinary Journal Supplement**, v.28, p.38-41, 1999.
- FARMER-DOUGAN, V. A.; DOUGAN, J. D. The man who listens to behavior: folk wisdom and behavior analysis from a real horse whisperer. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v.72, n.11, p.139 - 149, 1999.
- FAWC. Farm Animal Welfare Council. **Five freedoms**. Disponível em: <<http://www.fawc.org.uk/freedoms.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2009.
- FERNANDES, C. G. N.; JESUS, L. P.; CAMARGO, L. M.; SCHEIN, F. B.; DÓRIA, R. G. Interação homem-cavalo de tração: perspectiva de proprietários atendidos no projeto carroceiro da universidade de Cuiabá-MT. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONCEITOS DE BEM-ESTAR ANIMAL, 2., 2007. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: WSPA, 2007.
- FERRARI, J. P. **A prática do psicólogo na equoterapia**. 2003. 76f. Monografia (Trabalho de Graduação Interdisciplinar). - Faculdade de Psicologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2003.
- GROVES, C. P.; RYDER, O. A. Genetic aspects of domestication, breeds and their origin. In: BOWLING, A. T.; RUVINSKY, A. **The genetics of the horses**. London: CABI Publishing, 2000a. p.25- 48.
- GROVES, C. P.; RYDER, O. A. Systematics and phylogeny of the horses. In: BOWLING, A. T.; RUVINSKY, A. **The genetics of the horses**. London: CABI Publishing, 2000b. p.1-24.
- HAUSBERGE, M.; ROCHE, H; HENRY, S.; VISSER, E. K. A review of the human-horse relationship, **Applied Animal Behaviour Science**, v.109, p.1-24, 2008.
- HEBERTS, A. L. **Os mbyá-guaicuru: área, assentamentos, subsistência e cultura material**. 1998. 325f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1998.
- LANSADE, L.; BERTRAND, M.; BOIVIN, X.; BOUISSOU, M. Effects of handling at weaning on manageability and reactivity of foals. **Applied Animal Behaviour Science**, v.87, p. 131-149, 2004.
- NOGUEIRA, A. X. **Pantanal, homem e cultura**. Campo Grande: UFMS, 2002. 155
- PRIMO, A. T. **América: conquista e colonização**. Porto Alegre: Editora Movimento, 2004. 183p.

- ROBINSON, I. The human-horse relationship: how much do we know? **Equine Veterinary Journal Supplement**, v.28, p.42-45, 1999.
- SANTOS, S. A.; ABREU, U. G. P.; MASCIOLI, A.; MCMANUS, C.; MARIANTE, A. S.; SERENO, J. R. B. Fatores ambientais e crescimento de cavalos pantaneiros criados em condições naturais. **Archivos de Zootecnia**, v. 56, p. 6, 2007a.
- SANTOS, S. A.; MAZZA, M. C. M.; SERENO, J. R. B.; MAZZA, C. A. S.; PEDREIRA, A. C. M. S.; MARIANTE, A. A. S.; SILVA, J. A.; MARQUES, M. C. A. Sistema de criação de cavalos pantaneiros no Pantanal. **Archivos de Zootecnia**, v.53, p.333-336, 2004.
- SANTOS, S. A.; SERENO, J. R. B.; MAZZA, M. C. M.; MAZZA, C.A. Origin of the pantaneiro horse in Brazil. **Archivos de Zootecnia**, n.41, p.371-381, 1992.
- SANTOS, S. A.; MAZZA, M. C. M.; SERENO, J. R. B.; PEDREIRA, A. C. M. S.; MARIANTE, A. da S.; COMASTRI FILHO, J. A.; SILVA, J. A. da; MARQUES, M. C. de A. **Descrição do manejo geral de cavalos pantaneiros na região do Pantanal**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2005. 20 p. (Embrapa Pantanal. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 63). Disponível em: < <http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/BP63.pdf> > . Acesso em 04 dez. 2009.
- SANTOS, S. A.; SOUZA, G. S. E.; ABREU, U. G. P.; MCMANUS, C.; COMASTRI FILHO, J. A. Monitoramento do desenvolvimento de cavalos pantaneiros por meio de curvas de crescimento. **Archivos de Zootecnia**, v. 56, p. 647-654, 2007b.
- SILVA, L. A. C.; SANTOS, S. A.; MCMANUS, C.; SILVA, R. A. M. S.; COSTA, A. C. O.; SERENO, J. R. B.; RAVAGLIA, E. Tolerancia ao calor de caballos pantaneiros usados en la lidia diaria del ganado en el Pantanal Brasileño. **Archivos de Zootecnia**, v. 54, p. 515-521, 2005b.
- SILVA, L. A. C.; SANTOS, S. A.; SILVA, R. A. S. Adaptação do cavalo pantaneiro ao estresse da lida diária de gado no Pantanal, Brasil. **Archivos de Zootecnia**, v. 54, p. 509-513, 2005a.
- SILVA, R. A. M. S.; BARROS, T. M.; NETO, A. A. C. LOPES, N. **Programa de prevenção e controle da anemia infecciosa equina no Pantanal Sul-Mato-Grossense**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2004. 17p. (Documentos. Embrapa Pantanal, 68.)
- SMYTHE, R. H. **A psique do cavalo**. São Paulo: Varela, 1990.
- VAN DIERENDONCK, M.; GOODWIN, D. Social contact in horses: implications for human-horse interactions. In: JONGE, F. H. Van Den, B. R. (Ed.). **The human-animal relationship: forever and a day**. Asen: Royal Van Gorcum, 2005. p. 65 -81. Disponível em: < http://igitur-archive.library.uu.nl/vet/2006-0802-203251/Dierendonck_05_SocialcontactinHorses.pdf > . Acesso em: 28 fev. 2008.
- VINHA, M. **Corpo-sujeito Kadiwéu: jogo e esporte**. 2004. 261f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- WEBER, A. Diálogo entre a história e a antropologia: os Mbayá-Guaicuru. **Revista Ciências Sociais Aplicadas** , v. 7, n. 11, p. 1-14, 2007.



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Rua 21 de Setembro, 1880 - Caixa Postal 109
CEP 79320-900 Corumbá - MS
Fone 55 (67) 3234-5800 / 3234-5900 Fax 55 (67) 3234-5815
<http://www.cpap.embrapa.br>
E-mail: sac@cpap.embrapa.br

Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento

